



## A formação de uma nação branca: o desaparecimento da população negra na Argentina<sup>1</sup>

The making of a White nation: The disappearance of the Black populations in Argentina.

*Erika Denise Edwards*<sup>2</sup>

Tradução: Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior<sup>3</sup>

Revisão da Tradução: Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro<sup>4</sup>

**RESUMO:** Ao visitar aquele que é considerado o mais europeu e mais branco país da América Latina, eu frequentemente perguntava aos argentinos, “o que aconteceu com a população negra?” A resposta mais comum que eu ouvia nas ruas do país “não existem negros, eles desapareceram”. Como pode uma população “desaparecer” e como isto é constitutivo de uma nação que se orgulha de ser europeia. Desde a década de 1960 pesquisadores tem debatido os significados do desaparecimento e as consequências do mito do desaparecimento negro. Este ensaio delinea suas observações e conclusões recolocando a cor ao embranquecido passado da Argentina.

**ABSTRACT:** While visiting what is considered the most European and White country in Latin America, I often asked Argentines, “What happened to the Black population?” The most common responde I heard on the streets

<sup>1</sup> Artigo publicado na *History Compass*, nº 16 de 2018, sob o título: *The making of a White nation: The disappearance of the Black population in Argentina*. Agradecemos à professora Erika Denise Edwards a autorização para a publicação da tradução de seu texto.

<sup>2</sup> Ph.D. em História Atlântica – Florida International University, Miami, 2011. Professora Associada de História University of Texas at El Paso. Em 2020, Erika Denise Edwards publicou o livro *Hiding in Plain Sight: Black Women, the Law, and the Making of a White Argentine Republic*. Tuscaloosa: University of Alabama. Esta obra, que em breve terá uma tradução para o espanhol publicada, recebeu algumas premiações e reconhecimento: finalist for Lapidus Center for The Historical Analysis of Transatlantic Slavery’s Harriet Tubman Book Prize Award (2021); Western Association of Women’s Barbara “Penny” Kanner Book Award (2021); Associatin of Black Women Historians’ Letitia Woods Brown Memorial Book Prize (2020). Email: [eedwar27@uncc.edu](mailto:eedwar27@uncc.edu)

<sup>3</sup> Doutor em História – Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Professor Associado no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – NEAB/UFU. Tem se dedicado a pesquisa sobre a escravidão no Brasil. Recentemente publicou *O projeto da parteira Madame Durocher sobre a emancipação dos escravos na crise do Império brasileiro*. In: *Revista História – São Paulo*, 2022 (prelo). Email: [florisvaldo@ufu.br](mailto:florisvaldo@ufu.br)

<sup>4</sup> Doutora em História – Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Professora Associada no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Integrante do Núcleo de Estudos de Gênero e da Mulher, tem concentrado seus esforços de pesquisa no campo das teorias feministas e da história das mulheres no Brasil. Recentemente publicou *Marielle, Agatha e Felizarda: corpos negros, feminismos e leituras foucaultianas*. In: RESENDE, Haroldo (org.) *Michel Foucault: da produção de verdades ao governo da vida*. São Paulo/Brasília: Intermeios, pp. 221-238, 2021. Email: [mariaercaneiro@ufu.br](mailto:mariaercaneiro@ufu.br)

of Argentina “there are no Blacks, they disappeared.” But how can a population “disappear” and what exactly does that constitute for a country that pride itself in being European. Scholars have grappled with the meaning of disappearance and the consequences of the myth of Black disappearance since the 1960s. This essay trace their observations and conclusions, which have the color back into Argentina’s whitende past

\* \* \*

## Introdução

O jogo final da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014, realizada no Brasil, opôs as seleções da Alemanha e Argentina. A aproximação do evento proporcionou várias observações e apostas sobre as equipes. Quem tinha a melhor defesa? Os craques de Alemanha e Argentina estariam prontos para encontro tão desafiante? E, surpreendentemente, por que não havia jogadores negros na seleção da Argentina? Em todo o mundo, blogs e artigos de imprensa notaram com ironia que, a despeito da presença de escravos africanos e crioulos em sua história, não havia um jogador negro sequer na seleção da Argentina enquanto o time alemão era etnicamente bem diverso (GATES JR, 2014).<sup>5</sup> Estes comentários se juntavam a outros – como os do ex-presidente Carlos Menem que observou, enquanto visitava a Universidade de Howard – Washington D.C -, na década de 1990, "não havia negros na Argentina, este é um problema brasileiro" -, perpetuando a crença da inexistência de negros na Argentina. Não obstante as observações sobre a seleção de futebol argentino terem assinalado essa ausência, as pessoas não deixaram de seguir questionando: o que aconteceu com a população negra da Argentina?

Em resposta, várias mitologias foram evocados para explicar esse enigma.<sup>6</sup> Entre os mais populares incluem-se os seguintes: a febre amarela eliminou a população negra, ou os negros migraram para o Uruguai

---

<sup>5</sup> O jogo final aconteceu no dia 13 de julho de 2014, no Estádio do Maracanã. Destaco aqui, ao menos dois jogadores alemães, como exemplo da diversidade étnica percebida: o zagueiro Jérôme Boateng – nascido em Berlim, filho de pai ganês e mãe alemã; Mesut Özil – nascido em Gelsenkirchen, filho de pais turcos. Havia também jogadores naturalizados como os poloneses de nascimento Miroslav Klose, Lukas Podolski e o filho de tunisianos Sami Khedira. (N.T.)

<sup>6</sup>BARREIRO, Ramiro. “¿Dónde están los negros de Argentina?” EL PAÍS, January 7, 2017, [http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/07/argentina/1483795840\\_886159.html2017](http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/07/argentina/1483795840_886159.html2017); DÉSCOTE, Rachel. “Why Are There No Black Men on Argentina's Roster?,” The Huffington Post, September, 8, 2014, [http://www.huffingtonpost.ca/rachel-decoste/argentina-world-cup-\\_b\\_5571761.html.2014](http://www.huffingtonpost.ca/rachel-decoste/argentina-world-cup-_b_5571761.html.2014).

(como uma tentativa de explicar por que o Uruguai tem uma população negra mais visível em comparação com a Argentina). Outros adotaram uma perspectiva de gênero para explicar o desaparecimento que fora provocado pelas mortes dos homens negros nas Guerras de Independência, na conseqüente Guerra Civil e na Guerra da Tríplice Aliança - 1864-1870. As muitas mortes de homens negros nos campos de batalha teriam obrigado as mulheres negras a procurarem companheiros entre os imigrantes europeus recém-chegados o que fez a população negra decrescer numericamente e cair no esquecimento ou mesmo desaparecer.

Considerando que africanos e seus descendentes compuseram um considerável percentual da população argentina, as explicações simplistas e de causas isoladas não são suficientes para que se compreenda a mudança demográfica observada. No século XVIII, africanos e seus descendentes representavam 30% da atual população do país, mas de acordo com o censo de 2010, os afrodescendentes totalizavam menos de 1%. Neste ensaio, busca-se analisar como os estudiosos se apegaram ao *desaparecimento do negro*. Para isso, discute-se duas metodologias usadas pelos estudiosos desde a década de 1960. A primeira é uma abordagem da história social com foco na demografia; a segunda metodologia privilegia a memória e o legado cultural.

## **1-Histórias Sociais do *Desaparecimento do Negro***

O primeiro conjunto de estudiosos a explorar o *desaparecimento do negro* usou métodos quantitativos. Eles se debruçaram sobre os censos do final do século XVIII para explicar o apagamento dos negros. Em 1966, Emiliano Endrek publicou um livro sobre seu desaparecimento em Córdoba, uma cidade do interior capital da província de mesmo nome (ENDREK, 1966). Ele argumentou que a mestiçagem ou a mistura racial causou o declínio da população negra. E observou o uso do rótulo racial "pardo", em Córdoba, para explicar o aumento de uma população misturada que incluía índios, negros e brancos, segmento que já não se enquadrava na qualificação racial tradicional como "negro", "índio", "mestiço" ou "mulato". De acordo com Endrek, os

funcionários governamentais apreenderam estes grupos dentro da categoria "pardo", o que revelou a extensão da mestiçagem ou mistura racial. Contudo, a distinção entre pardos e brancos reafirmava a demarcação de hierarquias sociais em que estes detinham, exclusivamente, privilégios no período republicano.

Uma década mais tarde, um artigo de Marta Goldberg também destacou o rótulo racial "pardo" e as referências analisadas por Endrek. Entretanto, ela reconheceu que "os documentos oficiais substituíram índio, mulato e negro por natural, pardo e moreno". Apesar de sugerir que pardo também podia incluir mestiço, Goldberg assinalou que pardo, provavelmente, significou afrodescendente em Buenos Aires. O estudo de Goldberg é um exercício pioneiro de história social dos afrodescendentes em Buenos Aires (GOLDBERG, 1976). Ela concluiu que houve um declínio quantitativo entre os homens negros da população, fato que teria proporcionado a miscigenação. Contudo, Goldberg não atribuiu o declínio às guerras de independência, mas a uma alta taxa de mortalidade infantil.

Dentro dos Estados Unidos da América, as experiências negras em outros países despertaram interesse de defensores e jornalistas. A questão do *desaparecimento do negro* na Argentina tornou-se um apelo à sua defesa, em meio à grande diáspora africana em *Ebony*, com o artigo de Era Bell Thompson – *Argentina: a terra dos negros desaparecidos* - "Argentina: The Land of Vanishing Blacks" (THOMPSON, 1973). Em missão para encontrar os "resquícios da raça.... no país do gado", Thompson descobriu a "viável existência de pessoas negras, mas em desaparecimento: relativamente pouco numerosos, relativamente livres de discriminação racial e relativamente satisfeitos". Este artigo discute ainda as celebridades afro-americanas como Josephine Baker e o ex-boxeador Calvin Respress que se mudou para a Argentina para treinar Louis "Touro Louco dos Pampas" Firpo. Este artigo reitera ainda o mito do desaparecimento do negro destacando que alguns deles morreram nos campos de batalha abrindo espaço para a miscigenação. Mas ele também tornou visíveis as populações negras, salientando que elas foram compostas de haitianos, cabo-verdianos, norte-americanos e

descendentes de escravos da Argentina. Para destacar como a miscigenação afetou os descendentes de escravos, ela apresentou as três irmãs de Sergio Montes cuja cor da pele, marrom<sup>7</sup>, variou de chocolate, caramelo e baunilha.

Quatro anos mais tarde, o livro de George Reid Andrews desmascarou o mito do desaparecimento negro em Buenos Aires (ANDREWS, 1980). Ele investigou nos censos o esforço combinado na Argentina para branquear a população usando o rótulo *moreno*<sup>8</sup> -cor de trigo aplicado para os europeus de pele escura e os afrodescendentes de pele clara- ao invés de pardo, que ele considerou referir-se aos afrodescendentes como *morenos* ou pretos para definir suas composições raciais. Ele também vasculhou os registros militares e demonstrou o equívoco em considerar que os homens negros foram usados como buchas de canhão nos conflitos bélicos do século XIX. Além disso, Andrews foi um dos primeiros historiadores a estudar o *desaparecimento do negro* combinando história social e cultural. Ele examinou os jornais editados pela comunidade negra em Buenos Aires e revelou como os afrodescendentes discutiam seriamente suas preocupações como desemprego, imigração europeia, tanto quanto os vários tipos de entretenimentos e associações possíveis. Concluiu, Andrews, que, ao invés de um declínio físico da população negra, uma ideologia conhecida como branqueamento "matou", ou seja, tentou fazer desaparecer definitivamente, a população negra.

Como na Argentina, outros países da América Latina olharam para os imigrantes europeus como o caminho para trazer modernização e progresso para suas margens.<sup>9</sup> Próximo ao fim do século XIX, intelectuais justificaram as políticas de imigração europeia utilizando teorias pseudocientíficas como o Darwinismo Social, que pretendeu provar a superioridade biológica da raça branca. Ao invés de estabelecer políticas de segregação, que possibilitariam a modernização e progresso, as autoridades argentinas buscaram eliminar a negritude por meio do incremento da imigração europeia e a miscigenação. A

---

<sup>7</sup> *Brown* no original (N. T.)

<sup>8</sup> No original *trigueño* (N. T.)

<sup>9</sup> Georg Reid Andrews examina os processos de branqueamento da população latino-americana e caribenha. Ver *Afro-Latin America, 1800-2000*. New York: Oxford University Press, 2004 (em especial o capítulo 4) – ANDREWS, Georg Reid. *América Afro-Latina, 1800-2000*. Trad. Magda Lopes. São Carlos, SP: EdUfscar, 2007.

constante chegada de homens europeus tornou esse objetivo realizável. Intelectuais, como Sarmiento, frequentemente elogiaram os mulatos como prova do progresso.<sup>10</sup> Com efeito, Sarmiento, e intelectuais da mesma estirpe, juntaram-se ao intenso processo latino-americano de branqueamento populacional.<sup>11</sup>

A história social seguiu explicando o *desaparecimento do negro*. No entanto, as tendências atuais preferem examinar uma periodicidade anterior. Erika Denise Edwards baseou-se no estudo clássico de Endrek (EDWARDS, 2014). Este trabalho examinou os usos da palavra *pardo* durante o século XIX. Ao analisar os censos de Córdoba, acompanhou o aumento do uso de *pardo* ao longo do século XIX. Ela demonstrou que *pardo* serviu como um termo político que englobou formalmente os rótulos de castas e serviu ao projeto de mestiçagem do estado republicano. Estudiosos anteriores, como Goldberg e Andrews, demonstraram que este termo se referia aos afrodescendentes em Buenos Aires. Edwards foi adiante e encontrou estes termos usados formalmente para rotular castas, incluindo índios, na análise que forneceu não somente uma compreensão quantitativa sobre a reclassificação racial, mas também uma comparação regional que revelou como a construção da identidade racial foi influenciada pelos contextos locais econômicos, sociais e políticos.

Judith Farberman também elaborou observações semelhantes a partir de Los Llanos, uma outra cidade do interior na província de La Rioja (FARBERMAN, 2016). A pesquisa de Farberman revisitou o termo *pardo* e sugeriu que ele se tornou uma palavra politicamente correta para descrever o rótulo de castas durante as Guerras de Independência e no início do período republicano. No artigo, Farberman discutiu a criação de castas em La Rioja.

---

<sup>10</sup> SARMIENTO, Domingo. Obras de D. F. Sarmiento: Europa, África i América 1847–1854, vol. 5. Paris: Berlin Hermanos, 1909.

<sup>11</sup> No início do século XX, os projetos de branqueamento parecerem bem-sucedidos. Em 1905, a revista *Caras e Caretas* escreveu: “A raça negra está perdendo...sua cor primitiva. Tornou-se cinza. Dissolveu-se. Ela clareia. Uma árvore africana está produzindo flores brancas”. REILLY, Juan José Soiza. *Gente de Cor. Caras y Caretas* – 25 de novembro de 1905. Uma outra sentença atribuída a Domingo Sarmiento diz: “Se você quer ver uma pessoa negra, vá ao Brasil”. Aproximadamente 100 anos depois, o ex-presidente argentino Carlos Menem produziria um paralelo entre os dois países declarando, durante uma visita a Howard University em Washington DC, “Nós [Argentina] não temos negros em nosso território, este é um problema brasileiro”. FORTES, Jorge; CEBELLOS, Diego. *Afroargentinos* (Latin American Archives, 2002 – [www.latinamericanvideo.org](http://www.latinamericanvideo.org))

Em particular ela usou os dados censitários de origem eclesial e civil. Por meio da análise desses dados, ela argumentou que cada vez mais a cor determinou a qualidade social ou a suposta identidade de uma pessoa, produzindo um sistema de castas ao longo do período final do século XVIII. Para o avanço do século XIX, as hipóteses de Farberman procuraram demonstrar que os rótulos de castas, elaborados anteriormente, transformaram os pardos em parte de uma referência política que os incorporaram à república nascente.

Recentemente, pesquisadores destacaram as categorias de gênero e família para examinar o desaparecimento do negro. O enfoque sistemático de historiadores em relação às dimensões da família e gênero levou a mais complexa e personalizada compreensão do desaparecimento do negro. Este método transformou os afrodescendentes em protagonistas ao invés de vítimas de seu próprio “desaparecimento”. Raul Alfredo Linares explorou a mobilidade social da família de afrodescendentes ao longo de quatro gerações em Buenos Aires (LINARES, 2007). Seu estudo genealógico se baseou nos trabalhos de Goldberg e Andrews sobre Buenos Aires, mas examinou um período anterior, o fim da época colonial e similarmente discutiu o branqueamento como causa do desaparecimento negro. Ele analisou, nos registros civis e de casamento, os rótulos raciais elaborados pelas autoridades espanholas para rastrear o processo de branqueamento e suas conexões com ascensão social. Ele demonstrou este processo detalhadamente na listagem dos registros de batismo e casamento da família de Juana Pastor que estudiosos podem utilizar para as suas próprias pesquisas.

A maior parte dos estudiosos que se apropriam do *gênero* e da *família* tem efetuado suas pesquisas focalizando as cidades do interior como Córdoba, Tucumán e Catamarca durante os séculos XVIII e XIX. Essa concentração fez com que o campo de estudos se voltasse para a mestiçagem, proposta inicialmente por Endrek. Historiadoras, como Beatriz Bixio, demonstraram os fenômenos das mestiçagens biológicas e ideológicas, e os seus inícios durante a Conquista na cidade de Córdoba (BIXIO, 2013). Judith Novillo argumentou que a mestiçagem criou uma 'outra' categoria em Tucumán que manteve vários níveis de hierarquia social no século XIX (NOVILLO, 2008).

Além do mais, Bixio e Novillo revelaram que o catalizador para a mestiçagem foi a escolha das mulheres afrodescendentes para envolver-se em relações inter-raciais com homens espanhóis.

Edwards também demonstrou que as mulheres afrodescendentes escolheram criar e manter relacionamentos com homens espanhóis, o que contribuiu para o *desaparecimento do negro* em Córdoba (EDWARDS, 2020). Ela examinou o papel de concubinas, esposas, mães e irmãs afrodescendentes no desaparecimento do negro. Não procurou apenas por relacionamentos com homens espanhóis, explicitando também o argumento de mulheres afrodescendentes que se identificavam como índias nos casos em que a liberdade era contestada ou, ainda, em casamentos. Suas conclusões revelaram haver alternativa ao “branqueamento”, pois tornar-se um índio também possibilitava a mobilidade social para os afrodescendentes. Similarmente, Florencia Guzmán e Alicia del Carmen Moreno se concentraram em Catamarca e destacaram que os relacionamentos das mulheres afrodescendentes com os homens espanhóis levaram à mobilidade social para elas mesmas e suas crianças, durante fim do século XVIII e o início do século XIX (GUZMÁN, 2010; MORENO, 2014). A família e o gênero foram importantes categorias de análise, utilizadas pelos pesquisadores, por permitirem dar visibilidade às evidências de que a mestiçagem levou ao apagamento do negro e contribuiu para o seu desaparecimento.

A ênfase da história social no desaparecimento negro liderou o campo da história e historiografia dos Negros na Argentina. Estudiosos, como Endrek e Goldberg, forneceram uma análise quantitativa para explicar como a população negra desapareceu em Córdoba e Buenos Aires. Mais tarde, jornalistas, como Thompson, iluminaram os mitos do *desaparecimento do negro* que foram mais tarde desmascarados por Andrews. Mais recentemente, a história social viu a emergência de interesse pela parte final do século XVIII nos trabalhos de Farberman, Linares e os meus próprios, que localizam o período colonial como o início do desaparecimento do negro na Argentina. Enquanto outros estudos mergulharam na família e gênero, entre eles os de Edwards e os de Guzmán, Bixio, Novillo e Moreno, eles conseguiram



demonstrar o papel importante desempenhado pelas mulheres afrodescendentes no desaparecimento do negro.

## **2- Herança Cultural e Memória do Desaparecimento do Negro**

O segundo conjunto de estudiosos que examinaram o desaparecimento do negro priorizou as memórias e seus legados culturais na Argentina. Esses pesquisadores, Norberto Pablo Cirio, Thomas Platero, Marvin Lewis e Lea Geler, sob a influência dos jornais editados pelos negros, discutiram as reações à investida da imigração europeia no fim do século XIX (CIRIO, 2009; PLATERO, 2004; LEWIS, 1996; GELER, 2010). Cirio e Platero escreveram livros que classificaram os periódicos dentro de vários temas e resumos curtos de jornais encontrados na Biblioteca Nacional da Argentina. Algumas observações feitas por Cirio e Platero revelaram o conflito de classe no interior da comunidade negra. As elites afrodescendentes, frequentemente, atacaram a classe trabalhadora e se esforçaram para assimilar os padrões da sociedade europeia. A classe trabalhadora, entretanto, preocupava-se com a questão do desemprego e das carências da comunidade. As investigações nestes periódicos, feita por historiadores culturais, foram capazes de reunir as "vozes" da comunidade negra durante o período conhecido como desaparecimento negro.

Marvin Lewis, historiador da literatura, se dedicou à poesia encontrada nos periódicos. Ele assinalou que estes poemas refletiam um modo romântico vigente, explicitando, em seu desenvolvimento ao longo do tempo, temas diaspóricos e fornecendo evidências para a defesa e ativismo dentro da comunidade negra. Além disso, ele elaborou biografias para alguns poetas, como Casildo G. Thompson e Horacio Mendizábal. Suas análises demonstraram que os afrodescendentes participavam ativamente das experiências políticas e sociais em seus espaços comunitários. Lea Geler não apenas examinou a poesia encontrada nos jornais negros; seu trabalho forneceu o entendimento no interior do grupo que ela definiu como "intelectuais subalternos". Sua pesquisa salientou o desenvolvimento

comunitário do *Afroportenho* (significando afro-descendente de Buenos Aires). As atividades dessa comunidade variavam muito desde as reuniões sociais, celebrações culturais e os debates políticos. Embora os homens afrodescendentes tenham escrito vários artigos nos periódicos negros, Geler coletou das fontes a importância das mulheres no cultivo da educação no fim do século XIX. A atenção de Lewis e Geler, na parte final do século XIX, envolveu a massiva imigração europeia e o branqueamento. Por intermédio do exame dos periódicos negros, seus trabalhos nos aproximaram da cultura da comunidade negra de Buenos Aires no fim do século XIX.

O desenvolvimento da comunidade negra produziu legados culturais, como o carnaval, tango e o candomblé, que se tornaram parte da cultura Argentina. Estudiosos com Maria Ana Martínez de Sánchez, Miguel Rosal e Oscar Chamosa examinaram as origens destas heranças culturais, algumas encontradas nas confrarias ou irmandades, nações e milícias (CHAMOSA, 2003; MARTÍNEZ DE SÁNCHEZ, 2007; ROSAL, 2009). Martínez e Rosal dedicaram atenção ao desenvolvimento das comunidades negras através da Igreja. Martínez, um historiador das confrarias em Córdoba investigou uma delas que esteve sob a supervisão dos Jesuítas. Esta confraria era composta por homens e mulheres, fossem livres ou escravos. Durante as celebrações religiosas, as confrarias marcharam por toda a cidade e, ao longo do século XIX, essas práticas permitiram a formação do carnaval em Córdoba. Não apenas as celebrações religiosas nos dias santos, as taxas cobradas pelas confrarias eram usadas para a assistência daqueles que estivessem gravemente doentes e também pagavam pelos serviços funerários de seus membros. Estas evidências foram colhidas, por Martinez, das atas e orçamentos das confrarias

Rosal investigou as confrarias em Buenos Aires pelo exame dos testamentos dos afrodescendentes e produziu uma história geral da presença negra na cidade, focalizando especialmente os proprietários negros, que frequentemente mantiveram proeminência nas confrarias. Habitualmente, eles compraram e venderam parcelas de terras para criar espaços de congregação das confrarias. Por meio das análises dos testamentos de

descendentes de africanos, demonstrou os níveis de devoção religiosa no interior da comunidade negra. Alguns deles revelaram que os *Afroportenhos* continuaram a buscar orações e devoções para as almas de familiares e amigos. Além deste ponto, semelhante ao estudo de Martínez, ele também concluiu que as confrarias constituíram uma rede social vital em que eles colaboraram para a libertação dos familiares escravizados. Mas, por volta de 1823, muitas confrarias estavam em declínio acentuado, enquanto as nações tornaram-se presença visível com os governos reconhecendo a legitimidade das sociedades de africanos.

Chamosa examinou estas nações, que atuaram de modo similar às confrarias, mas sem a supervisão da Igreja em Buenos Aires. Nações foram componentes vitais para a sobrevivência e acumulação da riqueza nas comunidades negras de Buenos Aires no século XIX. As pesquisas de Chamosa, a partir de Buenos Aires, também demonstraram que, durante a metade do século XIX, as mulheres descendentes de africanos frequentemente tornaram-se líderes destas organizações em razão do recrutamento dos homens para as guerras de independência e guerra civil.

As celebrações do bicentenário das Guerra de Independência em 2010 e da Declaração de Independência em 2016 revitalizaram os legados culturais das milícias. Estudiosos como Silvia Mallo produziram antologias que focalizaram os esforços individuais e coletivos dos descendentes de africanos no campo de batalha (MALLO, 2010). Outros pesquisadores como Peter Blanchard e Seth Meisel interessaram-se pelo protagonismo negro para traçar as lutas pela liberdade tanto nos campos de batalha quanto nos tribunais (BLANCHARD, 2008; MEISEL, 2006). Blanchard analisou a região do Rio da Prata com interesse particular em Buenos Aires, enquanto Meisel dedicou-se a Córdoba.

No início de 1810, a Argentina convocou homens descendentes de africanos escravizados, colocando-os em risco e frequentemente sacrificando suas vidas em nome da pátria durante as guerras de independência (1810-1816). Portanto, do começo da guerra, Blanchard demonstrou que a emancipação dos escravos esteve ligada à luta anticolonial. Em Córdoba,

Meisel ligou a emancipação da escravidão à formação inicial da república e aos esforços dos homens descendentes de africanos no campo de batalha e suas contestações nos tribunais para preservar a liberdade. Meisel analisou suas petições como exemplo de conquista de cidadania.

Em estudo recente sobre os homens descendentes de africanos no Rio da Prata, Alex Borucki combinou as contribuições da história social e cultural (BORUCKI, 2015). Seus cálculos sobre o tráfico de escravos no Rio da Prata desafiaram os pioneiros estudos de Edna Studer sobre o comércio de escravos em artigo publicado em 1954. As conclusões de Borucki demonstraram que houve uma expansão do tráfico de escravos ao contrário de um suposto declínio no fim do século XVIII e início do século XIX. Conectando com o crescimento do tráfico de escravos, Borucki explorou sociedades culturais como as confrarias e as milícias que se desenvolveram no interior da comunidade negra ao longo da metade do século XIX. Este estudo seguiu reconhecendo a participação negra na criação da Argentina.

Até muito recentemente, parte considerável dos estudos sobre essas milícias se concentraram nas ações dos homens. Contudo, o artigo de Florencia Guzmán sobre María Remedios del Valle iluminou a vida esquecida de uma mulher que atuou nas forças militares (GUZMÁN, 2016). Guzmán demonstrou que Remedios lutou ao lado de outros homens nas Guerras de Independência. Guzmán narra seus esforços nos campos de batalha que, servindo inicialmente como enfermeira e mais tarde como uma combatente, foi capturada e torturada em uma expedição à região da atual Bolívia. A utilização dos registros militares revelou que Remedios del Valle foi figura de destaque e reconhecimento em sua atuação militar, recebendo menções elogiosas por seus esforços. Para celebrá-la, o governo argentino nomeou o dia oito de novembro - aniversário de sua morte -, o *Dia dos Afrodescendentes*. Uma exceção entre muitos aspectos, por ter lutado nas guerras de independência, hoje ela é conhecida com a "mãe da pátria", homenagem que revela e reafirma como ela participou efetivamente na construção da Argentina.

Estudiosos centraram atenção em relação à contribuição dos descendentes de africanos para a formação da Argentina, permitindo que pesquisadores fossem além dos estudos históricos. Nestor Ortiz escreveu um dicionário de africanismos usados na linguagem coloquial argentina (ORTIZ, 2007). Adicionalmente, linguistas, como Adriana Araque, estudou a língua quicongo existente na Patagônia (ARAQUE, 2009). Baseada em sons e palavras semelhantes, ela argumentou que homens e mulheres negras da região descendem dos africanos da região dominada pelos Bantu na África Centro-Oeste. Como resultado, Araque se moveu para além de uma cultura popular argentina, mais misturada do que aquela fornecida por Ortiz em seu dicionário, e fez ligações diretas com o passado africano da Argentina.

Recentemente, testes genéticos também apontaram para o passado africano da Argentina e demonstraram que alguns argentinos não sabem que eles são afrodescendentes. Estudos médicos feitos por Sergio Avena avaliaram que a composição genética da população na Argentina é mais diversa do que se pensou anteriormente. Os estudiosos examinaram 441 pessoas não relacionadas que doaram sangue para o Centro de Saúde Pública (AVENA et al., 2012). A média de ancestrais para a Argentina foi 65% de europeus, 31% indígenas e 4% africanos. Além disso, eles viram diferenças significativas na ascendência europeia em toda a Argentina. Buenos Aires permaneceu sendo a "mais branca", seguida pelas regiões noroeste, nordeste e sul. Enquanto outros estudiosos, como Maria Laura Parolin, desenvolveram pesquisas em Porto Madero, uma cidade no sul da província de Chubut. Depois, Parolin e sua equipe interrogaram e analisaram o DNA de 82 consistentes doadores de sangue e não relacionados, que estavam interessados em suas histórias genealógicas. A média de ascendência estimada foi de 67.2% de europeus, 29.4% de indígenas e 3.4% de africanos. Corroborando com as descobertas de Avena, suas conclusões apontaram para uma mais profunda diversidade genética (PAROLIN et al., 2013). Juntas, estas descobertas genéticas revelam que a Argentina não é um país "branco".

As raízes da cultura popular argentina como o candomblé, o tango e o carnaval se originam das confrarias e nações examinadas por Rosal, Martínez

e Chamosa (CHASTEEN, 2004). Chasteen argumentou ainda que é preciosamente por estas heranças culturais que, atualmente, a Argentina tem se tornado uma fábrica de cultura. Adicionalmente, ele reafirma, as celebrações do bicentenário trouxeram à memória as contribuições dos soldados negros para a formação e consolidação da nação. Outros estudos, realizados por não historiadores, também revelaram que a linguagem coloquial na Argentina está conectada ao passado das populações negras. O mais recente trabalho envolve a antropologia médica, que analisa a composição genética de vários participantes que descobriram que são descendentes de africanos e nos permitem analisar como o apagamento negro continua não apenas sendo um projeto nacional, mas, também uma decisão pessoal. Juntos, estes trabalhos dos estudiosos trazem a consciência da cultura e memória dos afrodescendentes na Argentina.

### **3- Conclusão**

Neste ensaio, foram apresentadas e discutidas duas tendências de pesquisas a analisarem o desaparecimento dos negros na Argentina: a história social, as heranças culturais e a memória. Estudos quantitativos focalizaram o declínio numérico da população negra, enquanto estudos qualitativos apontaram para as contribuições dos negros nas artes e na linguagem e, por meio das memórias históricas de soldados e suas participações nas lutas de formação da nação.

Contudo, lacunas permanecem na historiografia e nos estudos literários. Mais incisivas são as relações entre os negros e indígenas. As interações entre estes dois grupos, presenças negadas hoje na Argentina, permanecem um campo a ser explorado. Um capítulo do livro de Edwards, entretanto, lança luzes sobre como diferentes condições legais levaram alguns descendentes de africanos escravizados a se tornarem indígenas livres (EDWARDS, 2019). Além disso, estudiosos continuam a focar a experiência negra em Buenos Aires, enquanto as cidades do interior não receberam muita atenção. No entanto, apesar do recente crescimento de pesquisas sobre as

populações negras Argentina, se acontecer de você caminhar ao longo das ruas da Argentina e perguntar: "o que aconteceu com a população negra?" A mais popular resposta permanece: "não há negros, eles desapareceram". Apesar disso, os estudiosos não se furtaram de envolver-se nesta questão e permanecem vigilantes e comprometidos em devolver a cor ao passado embranquecido da Argentina.

## Referência

ANDREWS, G. R. (1980). *The Afro-Argentines of Buenos Aires, 1800–1900*. Madison: University of Wisconsin Press.

\_\_\_\_\_. (2004). *Afro-Latin America 1800–2000*. New York: Oxford University Press.

ARAQUE, A. A. (2009). Sobre la procedencia kikonga del habla de los afrodescendientes de la Patagonia. In HIPPERDINGER, Yolanda (Editor), *Variedades y elecciones lingüísticas*, Bahía Blanca (pp. 42–61). Editorial de la Universidad Nacional del Sur.

AVENA, S., VIA, M., ZIV, E., PÉREZ-STABLE, E. J., GIGNOUX, C. R., DEJEAN, C., FEJERMAN, L. (2012). *Heterogeneity in Genetic Admixture across Different Regions of Argentina*. PLOS ONE, 7, e 34695.

BARREIRO, R. (2017). *¿Dónde están los negros de argentina?* Retrieved May 2, 2017, [http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/07/argentina/1483795840\\_886159.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/07/argentina/1483795840_886159.html).

BIXIO, B. (2013). Mestizos, testamentos, y configuraciones sociales en Córdoba colonial. In B. Bixio, & C. Gonzalez Navarro (Eds.), *Mestizaje y configuracion social: Córdoba (Siglos XVI y XVII)* (pp. 19–83). Editorial Brujas: Córdoba, Argentina.

BLANCHARD, P. (2008). *Under the Flags of Freedom: Slave Soldiers and the Wars of Independence in Spanish America*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.

BORUCKI, A. (2015). *From Shipmates to Soldiers: Emerging Black Identities in the Río de la Plata*. Albuquerque: University of New Mexico Press.

CHAMOSA, O. (2003). *To Honor the Ashes of their Forebears: The Rise and Crisis of African Nations in the Post-Independence State of Buenos Aires, 1820–1860*. *The Americas*, 59(3), 347–378.

CHASTEEN, J. C. (2004). *National Rhythms, African Roots: The Deep History of Latin American Popular Dance*. Albuquerque: University of New Mexico Press.

CIRIO, N. P. (2009). *Tinta negra en el gris del ayer: los afroporteños a través de sus periódicos entre 1873 y 1882*. Buenos Aires: Teseo.

DÉSCOTE, R. (2014). *Why Are there no Black men on Argentina's roster?* Retrieved May 2, 2017, from <http://www.huffingtonpost.ca/rachel-decoste/argentina-world-cup- b 5571761.html>.

EDWARDS, E. (2014). *Mestizaje, Córdoba's Patria Chica: Beyond the Myth of Black Disappearance in Argentina*. *African and Black Diaspora: An International Journal*, 7(2), 89–104.

\_\_\_\_\_, E. (2020). *Hiding in Plain Sight: The Disappearance of the Black Population in Argentina*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.

\_\_\_\_\_, E. (2019). Un regalo de la madre, libertad: maternidad y el proceso de manumisión en Córdoba, Argentina. In: *Esclavos. Estudio interdisciplinario en territorios periféricos en la antigua monarquía hispania. Siglos XVIII a mediados del XIX*. Córdoba, Argentina: Centro de Estudios Avanzados, Universidad Nacional de Córdoba.

ENDREK, E. (1966). *El mestizaje en Córdoba: siglo XVIII y principios del XIX*. Córdoba. Argentina: Universidad de Córdoba.

FABERMAN, J. (2016). Imaginarios sociales en la colonia tardía. Clasificaciones y jerarquías del color en Los llanos de La Rioja, siglo XVIII y XIX. In Guzmán, Florencia, Geler, Lea, Frigerio, Alejandro, (Eds.), *Cartografías afrolatinoamericanas: Perspectivas situadas desde la Argentina* (pp. 25–50). Buenos Aires: Editorial Biblos.

Fortes, J. & Cebellos, D. (2002). *Afroargentinos*. Latin American video Archives. [www.latinamericanvideo.org](http://www.latinamericanvideo.org)

GATES, Jr, H. L. (2014). *True or false: There are no Black People in Argentina*. Retrieved September 30, 2016, from <http://www.theroot.com/articles/history/2014/07/argentina-s-black-population-where-did-it-go/>

GELER, L. (2010). *Andares negros, caminos blancos. Afroporteños, estado y nación Argentina a fines del siglo XIX*. Rosario, Argentina: Prohistoria Ediciones.

GOLDBERG, M. (1976). *La población negra y mulata de la ciudad de Buenos Aires 1810-1840*. *Desarrollo Económico*, 16(61), 75–99.

GUZMÁN, F. (2010). *Los claroscuros del mestizaje*. Negros, indios y castas en la Catamarca colonial. Córdoba, Argentina: Encuentro Grupo Editor.

\_\_\_\_\_, F. (2016). María Remedios del Valle. “*La capitana*”, “*madre de la patria*” y “*niña de Ayohuma*”. *Historiografía, memoria y representaciones en torno a esta figura singular*. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux - Novo Mundo Mundos Novos - New world New worlds*. Retrieved from <https://nuevomundo.revues.org/69871>.

LEWIS, M. (1996). *Afro-Argentine Discourse: Another Dimension of the Black diaspora*. Columbia: University of Missouri Press.



LINARES, R. A. (2007). *Blanqueamiento y ascenso social de una familia de mulatas en el Buenos Aires del siglo XVIII*. Boletín Del Centro de Estudios Genealógicos e Históricos de Rosario, 5, 59–71.

MALLO, S. C. (Ed.) (2010). *Negros de la patria* (2010th ed.). Buenos Aires: Editorial Sb.

Martínez de Sánchez, A. M. (2007). *Los jesuitas sus cofradías y congregaciones*. Córdoba, Argentina: Editorial de la Universidad Católica de Córdoba.

MEISEL, S. (2006). “The Fruit of Freedom” Slaves and Citizens in early republican Argentina. In J. Landers, & B. Robinson (Eds.), *Slaves, Subjects, and Subversives: Blacks in colonial Latin America* (p. 273–306). Albuquerque: University of New Mexico Press.

MORENO, A. d. C. (2014). *Afromestizos en Catamarca: familias y matrimonios en la primera mitad del siglo XIX*. Buenos Aires: Editorial Dunken.

NOVILLO, J. (2008). Matrimonios, mestizaje e ilegitimidad en la población negra y afro-mestiza de Tucumán (1800-1814). In N. Siegrist, & M. Ghirardi (Eds.), *Mestizaje, sangre y matrimonio en territorios de la actual Argentina y Uruguay* (pp. 73–100). Buenos Aires: Editorial Dunken.

ORTIZ, N. (2007). *Diccionario de africanismos en el castellano del Río de la Plata*. Caseros: Eduntref.

PAROLIN, M. L., AVENA, S. A., FLEISCHER, S., PRETELL, M., DI FABIO ROCCA, F., RODRIGUEZ, D. A., & CARNESE, F. R. (2013). *Análisis de la diversidad biológica y mestizaje en la ciudad de Puerto Madryn*. (Prov. de Chubut, Argentina). Retrieved from <http://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/7682>.

PLATERO, T. (2004). *Piedra libre para nuestros negros: la broma y otros periódicos de la comunidad afroargentina (1873–1882)*. Buenos Aires: Instituto Histórico de la Ciudad de Buenos Aires.

ROSAL, M. (2009). *Africanos y afrodescendientes en el Río de la Plata : siglos XVIII-XIX*. Buenos Aires: Dunken.

SARMIENTO, D. (1909). *Obras de D. F. Sarmiento: viajes por Europa, África i América 1847–1854*, (Vol. V). Paris: Belin Hermanos.

SOIZA REILLY, J. J. (1905). Gente de color. In: *Caras y Caretas*.

THOMPSON, E. B. (1973). *Argentina: Land of The Vanishing Blacks*. Ebony, 74–85.

Recebido em junho de 2022.  
Aprovado em julho de 2022.